

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE DISCURSIVIDADE EM UM LIVRO DIDÁTICO PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Luciano Magnoni Tocaia *

RESUMO

O presente ensaio tem por objetivo examinar, pela perspectiva da semiótica discursiva de linha francesa, os diferentes procedimentos de tematização e figurativização em um livro didático para o ensino da língua portuguesa no Brasil. Temas e figuras manifestam os valores do enunciador e assinalam as determinações sócio-históricas e ideológicas dos discursos. São operações enunciativas, que desvelam as crenças, os valores, apontam as posições dos sujeitos da enunciação e conferem corporalidade à figura do enunciador e do enunciatário. Com o tratamento da tematização e da figurativização na semântica do discurso, podemos discutir as imagens do enunciador, ou seja, seu éthos.

PALAVRAS-CHAVE

Semiótica, tematização e figurativização discursiva, éthos, livro didático para o ensino de língua portuguesa.

ABSTRACT

This paper examines the different functions of themes and images in discourse procedures from the French discursive semiotic perspective. Themes and images portray utterers values and are determine by social-historical relationships and ideologies in discourse. They can be considered enunciative operations that depict beliefs and values, showing the position of the enunciative subject. The object of this text is to investigate how themes and images dissemination is the utterer task and how it can be seen as discourse persuasion strategies in Portuguese primary language textbooks.

KEYWORDS

Semiotics, discursive themes and images, éthos, primary language textbooks.

Introdução

Este ensaio apresenta um recorte de uma pesquisa de doutorado que teve como objetivo cotejar e analisar livros didáticos para o ensino de língua materna no Brasil e na França (cf. TOCAIA, 2014). O objetivo é discutir como a tematização e a figurativização são dois procedimentos discursivos usados pela teoria semiótica (semântica discursiva) para conferir corporalidade à figura do enunciador e, ao mesmo tempo, àquela do enunciatário: elas “lhes dão corpo textualmente”, nas palavras de Discini (2005, p. 288). Segundo a autora, retomando estudos de Dominique Maingueneau, a seleção de temas e figuras “subsidiava a definição de um ideal de entonação que acompanha seus lugares de

* Doutor em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Professor da Universidade Federal de Minas Gerais.

enunciação”. (Discini, 2005, p. 288). Com o tratamento da tematização e figurativização na semântica do discurso, poderemos discutir as imagens do enunciador, seu éthos, de que falaremos adiante.

Quando falamos em eu e tu, falamos em actantes da enunciação, ou seja, aquele que fala e aquele com quem se fala. Dentro dos textos, contudo, concretizam-se esses actantes e eles tornam-se atores da enunciação. O ator da enunciação é, portanto, uma concretização temático-figurativa do actante. Por exemplo: o enunciador é sempre um eu, mas em *O Primo Basílio*, esse eu é concretizado no ator Eça de Queirós. Vale sempre lembrar de que não se trata do escritor real, em carne e osso, mas de uma imagem de Eça produzida no texto. (cf. FIORIN, 2008).

A questão é ver, então, como se constrói a imagem do ator da enunciação, ou seja, do enunciador. Essa imagem do ator é o que se denomina éthos, não do ator real, mas do ator discursivo, implícito. Segundo Maingueneau (1995), o éthos compreende três componentes: o caráter, conjunto de características psíquicas relativas ao enunciador; o corpo, ou seja, as características físicas que o enunciador apresenta; o tom, a dimensão vocal do enunciador desvelada pelo discurso. Falar do éthos, então, é falar do ator da enunciação.

É importante ressaltar que a análise do éthos se dá, não apenas em relação ao enunciador, mas também aos outros níveis enunciativos: narrador e interlocutor. Analisar o éthos do interlocutor é tarefa mais simples, já que se trata de uma personagem construída na obra. O problema é analisar a diferença existente entre o éthos do enunciador e o éthos do narrador. É em Greimas (1994) que encontramos a resposta ao problema:

do ponto de vista da produção do discurso, poder-se-á distinguir o actante da enunciação, que é um actante logicamente implícito, logicamente pressuposto pelo enunciado, do ator da enunciação; nesse último caso, o ator será, por exemplo, “Baudelaire”, na medida em que se define pela totalidade de seus discursos. (Greimas, 1994, p.10).

Compreende-se, a partir das palavras de Greimas, que o enunciador visto como ator da enunciação se define pela totalidade de sua obra. Se analisarmos apenas uma obra singular dessa totalidade, não saberemos se se trata, portanto, dos traços do enunciador ou

dos traços do narrador. Para que possamos depreender o éthos do enunciador, faz-se necessário um estudo de uma totalidade de produção de um autor. Lembra-nos Fiorin (2008, p. 141) que “podemos, ao final da análise, encontrar uma identidade ou uma diferença entre o caráter do enunciador e o do narrador numa obra singular”.

É de Discini a explicação sobre a descrição do éthos em um discurso:

Descrever o éthos é examinar moralizações dadas discursivamente; é recuperar o sujeito no exame da relação do enunciado com a enunciação; é dar atenção a um sujeito não constituído previamente ao discurso, mas dado pelo modo de dizer. Descrever o éthos é viabilizar a identificação dos temas e figuras do discurso, em função de valorização de valores, próprias a determinadas formações sociais, que orientam o modo de presença do sujeito no mundo. (Discini, 2005, p. 284).

Reitera-se que os atores da enunciação, imagens do enunciador (éthos) e do enunciatário (páthos), constituem simulacros do autor e do leitor criados no texto. A partir desses simulacros, determinam-se todas as escolhas enunciativas, conscientes ou inconscientes, na produção do discurso. Para que se compreenda de maneira adequada o conjunto de opções enunciativas produtoras de um discurso e para compreender sua eficácia, é necessário depreender as imagens do enunciador e do enunciatário criadas discursivamente.

Tematização e figurativização em um livro didático para o ensino de português

Neste item, mostraremos como a disseminação de temas e figuras é tarefa do sujeito da enunciação e pode ser vista como estratégias de persuasão no discurso. Nosso objeto de pesquisa é o livro didático para o ensino de língua portuguesa Português Linguagens 9º ano (2010).

Segundo a teoria semiótica, no nível narrativo, informar é transmitir um objeto cognitivo, ou seja, um saber. Esse valor acha-se inscrito num enunciado. Os valores, quando assumidos no nível discurso, são disseminados pelo enunciador por meio de percursos temáticos que podem receber investimentos figurativos. No caso do livro didático, esse investimento figurativo se dá de forma ocasional e esparsa, como mostraremos no decorrer da análise. Nesta etapa, então, apresentaremos como se

tematizam e figurativizam os variados saberes que o livro didático busca transmitir como objetos de valor.

Em Português Linguagens 9º ano (2010), a carta de apresentação, primeiro contato direto com o estudante, se revela um discurso temático, cujo tema principal pode ser depreendido pelo encadeamento dos conjuntos organizados, denominados percursos temáticos. O tema geral desse discurso seria, assim, o saber, ou seja, os conhecimentos e ensinamentos que a obra transmite, que levam os alunos a aprender determinados conteúdos e os fazem “transitar livremente entre linguagens” (Cereja & Magalhães, 2010, p. 03). Esses saberes podem vir de universos variados, como o da ciência linguística, o da arte, o da cultura, o do senso comum, entre outros, como mostraremos adiante. Pressupõe-se que por meio do estudo que se fará a partir do livro didático, o indivíduo possa usar a língua portuguesa de forma a melhor “interagir com as pessoas e o mundo em que vive”. (Cereja & Magalhães, 2010, p. 03), como nos mostra o trecho a seguir:

E também para você, que “plugado” no mundo, viaja pela palavra, lendo livros, jornais ou revistas; viaja pelo som, ouvindo música ou tocando um instrumento; viaja pela imagem, apreciando uma pintura, lendo quadrinhos, assistindo à tevê ou a um vídeo, ou navega pela Internet, procurando outros saberes e jovens de outras terras para conversar. (Cereja & Magalhães, 2010, p. 03).

Esse texto de apresentação é parte integrante da cena genérica do livro didático de língua portuguesa no Brasil, fator invariável, portanto, do ritual enunciativo do gênero discursivo livro didático para o ensino de língua portuguesa. Além de se constituir um próprio gênero discursivo, ele ganha corpo por meio de outro gênero discursivo, a carta pessoal ou íntima, em uma configuração híbrida. De cunho pessoal, essas cartas de apresentação se caracterizam por uma sorte de conversação amena e culta entre o sujeito enunciador e seus presumíveis enunciatários. Explicita-se, então, o enunciador, que, remetendo a um modo próprio de dizer, instaura mecanismos respaldados por temas e figuras circunscritos à esfera de sentido da cotidianidade.

A cena enunciativa prevista para essas cartas se constrói de forma diversa daquela de uma carta comercial, por exemplo, visto que cobra imperativamente a presença do outro. Vejamos como essa cumplicidade do tom de voz, que tem por objetivo seduzir o outro, orientará o modo de combinar temas e figuras.

Ao iniciar a carta com “Caro estudante”, o enunciador instaura, em seu primeiro contato, um contrato de fala com o enunciatário de atitude intimista, exacerbando a presença daquele a quem a carta é enviada, o que contribui para o efeito de cumplicidade da voz. É como se o enunciador se deslocasse de seu lugar enunciativo ativo, de detentor do saber, e se igualasse a seu enunciatário, em uma relação simétrica de parceria e de igualdade para o bom desenrolar do aprendizado. A instauração evidente do enunciatário por meio da designação “caro estudante” confirma sua figurativização no enunciado e reforça, portanto, o simulacro da conversa principiada na modalidade escrita, evidenciando uma cena da enunciação que se dá no circuito das relações familiares: “o espaço enunciativo acaba por se fortalecer, dessa maneira, como previsão genérica”, como está em Discini (2005).

As cartas pessoais como textos de apresentação dos livros didáticos para o ensino de língua portuguesa estão estruturalmente organizadas em uma página, na qual a sequência textual argumentativa é predominante. O enunciatário geralmente é figurativizado como “estudante”, “aluno” ou “aluna” e, no canto inferior da página, há sempre uma assinatura dos enunciadores, que pode ser com seus próprios nomes individualizados, o que gera um efeito de sentido ainda maior de intimidade e de conversa, ou com “os autores” ou “as autoras”, escolhas que figurativizam o lugar social que ocupam. Ressalta-se também a fórmula de despedida utilizada em Português Linguagens 9º ano (2010) pelo enunciador, “um abraço”, que constrói junto ao enunciatário uma interação com efeitos sensoriais e emocionais.

O tema central de uma carta de apresentação é fornecer ao estudante os conteúdos temáticos que serão tratados na obra bem como a prática pedagógica adotada, além de mostrar interesse pelo aluno e encorajá-lo, por um processo sobretudo de sedução e tentação, a aceitar os valores que lhe são propostos. Seu estilo parece mais leve, descontraído, rápido e menos formal, mais passional e subjetivo. Na classificação proposta por Bakhtin (2006) quanto à diferença essencial entre os gêneros, as cartas pertenceriam aos gêneros primários, isto é, aqueles que surgem nas condições de comunicação discursiva imediata.

Como adiantamos, encontram-se na carta de apresentação do livro didático brasileiro, além do tema geral do discurso – o saber -, outros temas oriundos de universos variados, como o da ciência linguística, o da arte, o da cultura, o do senso comum, entre

outros. Discorremos sobre esses temas, que denominaremos subtemas, uma vez que são todos, de certa forma, paralelos ao tema central da obra. Constroem-se, portanto, outros percursos temáticos que contribuem à manutenção da coerência interna do texto, isto é: o domínio das linguagens; o desenvolvimento de conhecimentos comportamentais, sociais, musicais, midiáticos, etc. e o desejo de se formar um aluno apreciador da arte, capaz de admirá-la, compreendê-la e reproduzi-la, dentre outros. Falemos de cada um desses subtemas, que, como já dito, são percursos temáticos relacionados a um percurso temático maior denominado saber.

Trataremos, inicialmente, do subtema do domínio das linguagens. Percorrendo as unidades do livro didático em questão, encontramos figuras ocasionais que, nesse discurso temático, participam das estratégias de persuasão argumentativa e concretizam o subtema das linguagens, produzindo efeitos de sentido de realidade. É o caso, por exemplo, da seção A língua em foco, que tem por objetivo desenvolver o trabalho gramatical na obra. Na primeira parte da seção – Construindo o conceito -, o enunciador, em consideração pedagógica no livro do professor (cf. CEREJA & MAGALHÃES, 2010), relembra a proposta do livro de: levar o aluno a construir o conceito gramatical, por meio de um conjunto de atividades de leitura, observação, comparação, discussão, análise e inferências. Normalmente se parte da observação de um fato linguístico em texto – texto literário ou jornalístico, quadrinho, propaganda, cartum, etc. (CEREJA & MAGALHÃES, 2010, p. 06)

Encontram-se, no enunciado anterior, algumas figuras ocasionais que assumem papel claro na organização persuasiva do discurso, como as atividades de leitura sugeridas por meio de textos que pertencem aos mais variados gêneros discursivos, as histórias em quadrinhos, os cartuns, os anúncios publicitários, etc. Esses gêneros, na seção gramatical da obra, produzem um efeito de sentido de corporalidade, uma vez que vivificam o discurso, pelo reconhecimento de figuras do mundo, e fazem, então, que o enunciatário do texto interprete o discurso como “real”.

O subtema do domínio das linguagens mantém uma coerência interna no discurso ao tratar de questões que têm por objetivo explicar os fatos e as coisas do mundo, buscando classificar, ordenar e interpretar a realidade. Não obstante ser um texto temático, a cobertura figurativa, esparsa, na verdade, auxilia a dar concretude ao tema tratado: você que transita livremente entre as linguagens, que usa, como um de seus donos, a língua portuguesa para emitir opiniões, para expressar dúvidas, desejos, emoções, ideias, para

receber mensagens, você que gosta de ler, de criar, de falar, de rir, de criticar, de participar, de argumentar, de debater, de escrever. (ibid., p.03).

Outro subtema que pode ser associado ao subtema das linguagens e merece ser destacado é o relativo à arte. Embora se dê na obra analisada um tratamento à arte, cabe ressaltar que o trabalho proposto é tímido e pouco explorado. Há, por vezes, quadros de pintores famosos que são usados, sobretudo, como ponto de partida para o trabalho desenvolvido na seção De olho na imagem, como vemos no exemplo a seguir: identifique no quadro, símbolos da riqueza do casal (ibid., p. 13); troque ideias com os colegas e tente interpretar o que podem simbolizar: as cores vermelho e verde, o cão, os frutos que estão na janela, a única vela acesa. (ibid.,p. 13).

Os quadros de pintores famosos, quando trabalhados, normalmente se destinam a desenvolver habilidades de leitura de textos não-verbais. Veem-se, também, no livro didático brasileiro, além de alguns quadros de pintores famosos, esculturas da época clássica que parecem ter a finalidade apenas de ilustrar o tema maior da unidade.

Cumprе reiterar que os subtemas elencados têm por meta enriquecer semanticamente o discurso e constituem, na verdade, as formações discursivas que determinam o que pode e o que deve ser dito numa dada conjuntura, já que concretizam, pela linguagem, a concepção de mundo e – acrescentamos - a visão de língua que lhes é correspondente.

Vejamos, a seguir, como o corpo da enunciação ganha forma no nível discursivo ao se concretizar tematicamente e figurativamente, assumindo o status de ator da enunciação.

Éthos em um livro didático para o ensino de português

Iniciaremos a análise de nosso discurso, o livro didático Português Linguagens 9º ano (2010), observando, em princípio, como a formação discursiva em questão faz a escolha de seus temas e subtemas, que reproduzem conceitos dados por meio de categorizações e reafirmam, no discurso, o imaginário social. Para tanto, tomaremos como ponto de partida, a instauração do actante-sujeito da enunciação, pressuposta no enunciado.

Para Discini (2009, p. 38), “esse actante, individualizado no nível discursivo, é o ator da enunciação, em se tratando de uma totalidade de discursos.” (grifos do autor). Dessa maneira, como o faz Greimas & Courtés (2011, p. 44) ao distinguirem o sujeito da

enunciação, “actante implícito pressuposto pelo enunciado”, do ator da enunciação, depreendido pela totalidade dos seus discursos, denominaremos “Cereja & Magalhães”, individualizados, o ator autônomo desse universo discursivo. As aspas são para explicar que não se trata, certamente, de indivíduos empíricos, “de carne e osso” e biografados, mas de um efeito de sujeito que, por simulacro, define o eu que fala: todo ator reúne em si “propriedades estruturais de ordem sintática e semântica, constituindo-se assim como indivíduo” (Greimas & Courtés, 2011, p. 262).

Passemos então ao estudo do ator da enunciação que, de antemão, sabemos tratar-se de um ator tematizado, ou seja, um sujeito que entra em junção com um objeto de valor, e que “sob as luzes do discurso tal objeto apresenta-se definitivamente historicizado e ideologizado”, tomando para nós a explicação de Discini (2009, p. 39). Como já dito, o livro didático define-se, para nós, como um discurso temático, em que as figuras são distribuídas de maneira esparsa.

Como já apresentado, analisar a imagem, o corpo e o tom de voz do ator da enunciação é analisar o éthos. Em Português Linguagens 9º ano (2010), analisaremos a instância enunciativa do narrador, justamente por não considerarmos a totalidade da coleção. Isso não impede, no entanto, de chegarmos a algumas conclusões também sobre a suposta maneira de ser no mundo do enunciador, o que será devidamente sinalizado.

Pelos recursos mostrados até o momento, a imagem do narrador em Português Linguagens 9º ano (2010) pode ser construída de forma multifacetada. Trata-se de um narrador que, por simulacro, primeiramente cria uma intimidade discursiva, aproximando-se do narratário e propondo-lhe valores que lhe (narratário) interessam. Por meio de um jogo de tentação e sedução, em que o eu não aparece explícito, mas se corporifica pela instauração do tu, o narrador, em caráter intimista e com sobrecarga de cumplicidade discursiva, manipula o narratário para fazê-lo assumir como seu o enunciado do outro. Parece criar-se, então, um simulacro mais apaixonado e mais apegado, próprio do discurso pedagógico.

Não vive, contudo, apenas de tentar e seduzir o ator de Português Linguagens 9º ano (2010), mas também de intimidar. É próprio da cena enunciativa desse gênero discursivo - livro didático para o ensino de língua materna – que alguns recursos que caracterizam a manipulação por intimidação sejam vistos como coerções genéricas, tais como o uso de perguntas e respostas e o modo verbal imperativo. Este, pela própria

definição da gramática, expressa semanticamente, em 2ª pessoa, uma ordem ou pedido; aquele pode ser visto como procedimento ambíguo, pois de um lado aproxima o narratário para que ele responda às perguntas colocadas, numa espécie de diálogo, típico das relações mais descontraídas, porém, por outro lado, força o narratário a responder ou reagir ao que está sendo proposto, em uma relação de influência e poder do manipulador.

Perguntamo-nos, então: que *éthos* é esse que de um lado afaga e de outro intimida? De um lado, valoriza e enaltece as qualidades do narratário e o coloca a tal ponto que recusar a manipulação significaria renunciar a todas as qualidades que lhe foram atribuídas; por outro, dotado de um poder-fazer, leva o narratário a um dever-fazer, a partir de uma espécie de “ameaça”: faça o que está proposto, pois só assim obterá o valor oferecido, ou seja, o objeto cognitivo saber. Parece dúbia a imagem do narrador e muito provavelmente do ator da enunciação em Português Linguagens 9º ano (2010), firmando, na verdade, o *éthos* do discurso pedagógico e dos livros didáticos para o ensino de língua materna.

Interessa-nos, também, entender como se constrói o corpo desse ator, ou seja, as características físicas que esse ator apresenta. No caso do narrador analisado, aponta-se para um corpo flácido, frouxo e de pouca consistência, dado pela análise da diagramação da obra. Observem-se as páginas 80 e 81 de Português Linguagens 9º ano (2010) para que se possa entender a difusão do corpo enunciativo da obra. Já num primeiro contato, predomina no livro didático, como já discutido, uma diagramação desequilibrada, distante do simulacro da “justa medida”.

O tamanho das letras também ajuda a construir o *éthos* de uma enunciação que deve adequar-se aos objetivos didático-pedagógicos do livro didático. Há diretrizes no Guia 2011 que preconizam que o livro didático brasileiro apresente letras grandes e um projeto-editorial não anárquico; as diretrizes que norteiam a adequação da estrutura editorial e do projeto gráfico nos livros didáticos brasileiros parecem cuidar para que as obras produzidas no país não extrapolem o nível de densidade aceitável, o que, por simulacro, referencializa o ator da enunciação como mais difuso e rarefeito, menos austero, como veremos, posteriormente.

Vê-se que a diagramação da obra contribui para a instauração de um corpo enunciativo recortado, flácido, composto de partes aqui e acolá, não uniformes, que não caracterizam um “texto corrido”. São poucos os momentos na obra, normalmente aqueles

destinados à leitura de textos, em que há um texto contínuo. Precisa-se dizer, contudo, que esse éthos mais difuso é resultado de uma política governamental imposta pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Por conseguinte, faz parte da proposta de livro didático no Brasil um projeto gráfico-editorial que apresente:

[...] legibilidade gráfica adequada para o nível de escolaridade visado, do ponto de vista do desenho e do tamanho das letras (grifos nossos); do espaçamento entre letras, palavras e linhas; do formato, dimensões e disposição dos textos na página; impressão em preto do texto principal; títulos e subtítulos claramente hierarquizados por meio de recursos gráficos compatíveis (grifos nossos) [...] impressão que não prejudique a legibilidade no verso da página. (GUIA DE LIVROS DIDÁTICOS: PNLD 2011, 2010, p. 15).

A ausência de quadros sinóticos, na obra, também ajuda a criar o simulacro de dispersão e pouca concentração no livro didático brasileiro, criando-se, portanto, um corpo mais espaçoso, cuja coluna dorsal parece dobrar-se mais facilmente aos ideais governamentais ou aos ideais mercadológicos que, de certa forma, coisificam o conhecimento.

Recorre-se, por fim, aos outros livros didáticos da coleção Português Linguagens destinados aos 6º, 7º e 8º anos do ensino fundamental, para se constatar que também seus narradores se servem das mesmas estratégias narrativas e discursivas para fazer-criar o narratário do discurso posto. Pode-se, então, dizer que o que se apontou para o narrador de Português Linguagens 9º ano (2010), pode-se estender aos outros narradores da coleção, o que faz, portanto, que se defina um éthos do enunciador, da coleção, tratado em sua totalidade. Encontra-se, nos outros volumes destinados às outras séries do ensino fundamental, a mesma cumplicidade discursiva explícita, que se fundamenta linguística, ideológica, visual e somaticamente. Podemos, ao final da análise, construir uma identidade discursiva do enunciador do livro didático Português Linguagens.

Considerações finais

Neste ensaio, partimos do princípio de que o sujeito apreende o mundo por meio de discursos. Ao acatarmos esse quadro epistemológico discursivo, consideramos o livro

didático para o ensino de língua materna, objeto de estudo do trabalho, como um objeto discursivo.

Como adiantado, os percursos temáticos e seus investimentos figurativos são determinados sócio-histórica e ideologicamente. A partir deles, estabelecem-se, portanto, diferentes maneiras de ver, sentir e representar o mundo, por meio de discursos, simulacros da ação do homem no mundo.

Em relação ao livro didático brasileiro analisado, observam-se percursos temáticos que impressionam pela “leveza”. Não há ocorrência, na obra, de temas que possam desestabilizar um ambiente mais agradável e motivador de aprendizado. Quando necessário, questões mais espinhosas ligadas ao mundo do jovem recebem um tratamento superficial e pontual, sem maiores explicações ou detalhes, resultando em uma imagem de relativa facilitação, com “tom de voz” ameno.

O sujeito, quando tematizado e figurativizado, converte-se em ator da enunciação, a reunião de pelo menos um papel actancial e um papel temático. Podemos dizer que em *Português Linguagens 9º ano* (2010), constrói-se um *éthos* principalmente prescritivo, que restringe o uso linguístico às regras ditadas pela gramática normativa, fazendo alusão ao que é certo e ao que é errado. Toma-se, nesse caso, como parâmetro, a variedade escrita da língua como parâmetro e não a oral. Tem-se, nessa concepção de língua heterogênea, com variantes hierarquizadas. Apresenta-se, também, na obra, um visível comedimento e uma relativa proximidade em relação ao enunciatário/narratário. Trata-se de um ator da enunciação que instaura um modo de ser no mundo mais brando, mais “parceiro” do aluno, e comprometido com questões que talvez venham a interessar ao jovem, como amor, juventude, moda, as descobertas da adolescência, etc.

Por fim, o discurso gramatical de *Português Linguagens 9º ano* (2010), em tese, diz estar atento às diferentes comunidades de falantes, porém não é o que se vê no decorrer das atividades. Concebe-se, dessa maneira, a língua como prescritiva, em que determinados usos linguísticos são pautados pelas regras da gramática normativa.

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
BARROS, D. L. P. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 2007.
CEREJA, W.; MAGALHÃES, T. *Português: Linguagens. 9º ano*. São Paulo: Atual,

2010.

DISCINI, N. *Comunicação nos textos: leitura, produção, exercícios*. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. *O estilo nos textos: história em quadrinhos, mídia e literatura*. São Paulo: Contexto, 2009.

FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação*. São Paulo: Ática, 2008.

GREIMAS, A.J. *Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Paris: Hachette, 1994.

GREIMAS, A.J.; COURTÉS, J. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Contexto, 2011.

GUIA DE LIVROS DIDÁTICOS: PNL D 2011: Língua Portuguesa. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2010.

TOCAIA, L.M. *Linguagem e ensino: identidade e diversidade discursiva em livros didáticos brasileiros e franceses*. 2014. 364 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014.